



SIEESP

Escola Particular

ANO 24 – Nº 264 – 2020

Março

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

O desafio
da introdução
alimentar para
crianças nas
escolas



Prazo Final

6 DE MARÇO

Viagem Internacional: não perca a chance de conhecer a Escola do Futuro!

Indisciplina, violência escolar e metodologias ativas



Júlio Furtado

*Pedagogo, Psicopedagogo,
Mestre em Educação e Doutor
em Ciências da Educação*

Indisciplina, violência escolar e metodologias ativas são três temas bastante frequentes nas reflexões que se faz na educação brasileira. Existe interrelação entre eles? O professor Júlio Furtado, doutor em Ciências da Educação, fala sobre esses temas e as possibilidades de interação entre eles. Segundo Furtado, a indisciplina pode ser minimizada por meio do uso de metodologias ativas, e essas, por sua vez, podem fortalecer os vínculos dos alunos com a escola e, com isso, reduzir significativamente a violência escolar. O que falta é a escola deixar de apenas "apontar o dedo" para a família, e realizar essas conexões e promover um planejamento sistêmico que envolva professores, alunos e pais.

Como a escola deve lidar com a indisciplina dos alunos?

Na minha opinião, algumas questões precisam ser urgentemente repensadas. A primeira é que a escola precisa distinguir indisciplina e incivilidade. Isso ajuda a planejar ações mais eficazes. A incivilidade é qualquer comportamento oposto à chamada "boa educação" e que, por consequência, atrapalha as relações na escola. A indisciplina é fruto da quebra de uma conduta estabelecida, essencialmente voltada ao sucesso da aprendizagem. Podemos simplificar, dizendo que disciplina é qualquer comportamento que interfira negativamente no processo de aprendizagem (não fazer as tarefas de casa, brincar durante as aulas, não trazer o material es-

colar, descumprir os horários etc.). É preciso que a escola estabeleça de forma participativa os tratamentos que serão dados aos comportamentos indisciplinados.

A escola deve dar destaque às regras baseadas em princípios inegociáveis (agressão física e verbal, roubo, preconceito etc.). Essas regras precisam ter destaque no cotidiano escolar e o não cumprimento delas precisa ter consequências claras para todos. As regras convencionais devem ser discutidas e coletivamente estabelecidas.

Se faz necessário que a escola encare o conflito e eduque por meio dele. A proibição e a contenção não educam, apenas controlam. Educar pressupõe lidar com conflitos. (As câmeras nas escolas ajudam a controlar e a dar segurança a todos, mas não podem ser vistas como um elemento que disciplina. Como agem os alunos quando não existem câmeras?).

É dever da escola ter um projeto político pedagógico que inclua um plano de gestão da disciplina, e que esse plano seja discutido e assumido por todos, incluindo a família. É preciso encarar a disciplina como parte do currículo e construir alinhamentos entre todos os sujeitos envolvidos.

O senhor acredita que os casos de violência escolar se acentuaram nos últimos anos?

Sim. A violência nas escolas vem aumentando proporcionalmente à violência na sociedade como um todo. Não é um fenômeno isolado, muito menos destoante. Numa tentativa de síntese, eu diria que esse aumento, além de reflexo social, é fruto de uma sociedade imatura emocionalmente que, por sua vez, é resultante de uma educação insegura no tocante à colocação de limites, e ineficaz com relação à construção da autonomia. Não podemos conceber a escola como uma instituição num invólucro de vidro, distante da realidade social. A escola é parte da sociedade e vai sempre refletir as relações e conflitos dessa sociedade.

De que forma as famílias podem ajudar a combater a indisciplina e a violência escolar?

As famílias precisam acreditar e assumir a proposta pedagógica da escola e, para isso, essa proposta precisa ser discutida e reavaliada coletivamente a cada ano letivo. As famílias precisam ser envolvidas nas situações que incluam aspectos relativos à formação de valores, que nascem na solidez de princípios. Falar alto, xingar palavrão, agredir, pegar o que não lhe pertence etc., são comportamentos que sinalizam baixo nível de civilidade. A escola precisa ter um plano de gestão da disciplina e isso inclui ações relativas à falta de civilidade. Essa questão é, na maioria das vezes, encarada pela escola como papel exclusivo da família (*"Educação vem de berço!"*), mas na verdade é também papel da escola. Por mais complexo que seja esse processo, escola e famílias precisam construir e validar democraticamente um código disciplinar, que sirva de referência para as ações disciplinares.

Na sua vida profissional, algum caso de violência entre alunos e professores chamou a sua atenção?

Assisti um caso de agressão entre um professor e um jovem por causa de um ato (segundo o professor) indisciplinar. O aluno não tinha trazido o material para o trabalho que seria realizado em sala e o professor o colocou para fora de sala. Não aceitando a atitude do professor, o aluno se recusou a sair e começou um bate-boca que por pouco não resultou em agressão física. Esse é um típico exemplo de indisciplina, causado pela não existência de um código legitimado coletivamente.

O senhor acredita que, como afirmam alguns educadores, há uma intolerância generalizada nas escolas?

Acredito que os sujeitos que compõem a comunidade escolar estão agindo nos seus limites. Professores tomados por insatisfações e desmotivações; equipes pedagógicas tomadas por descrédito na mu-

dança da atitude dos professores; alunos sem referenciais de limites e famílias perdidas, tentando se apoiar na escola, igualmente perdida. Esse quadro acaba gerando um alto grau de intolerância. A consequência é a escola, diante desse quadro, tentar jogar toda a responsabilidade da educação para a família, o que é, no mínimo, falta de consciência do real papel da escola. Família e escola precisam estar juntas na tarefa de educar a criança, **que ora é filho e ora é aluno**. E essa integração precisa ser responsabilidade da escola que é o "adulto qualificado" da relação.

Fala-se muito na necessidade de os professores empregarem metodologias ativas em suas aulas. O que é uma metodologia ativa?

As metodologias ativas possuem quatro princípios básicos: negociação de sentidos entre professor e aluno, ação discente na compreensão do significado, desafios como ponto de partida e o professor como ponto de apoio. Em suma, é ter o

“**Família e escola precisam estar juntas na tarefa de educar a criança, que ora é filho e ora é aluno**”

“ A Pedagogia de Projetos visa a ressignificação da escola, transformando-a em um espaço vivo de interações, aberto à vida e suas múltiplas dimensões ”

aluno como ser ativo na produção de sua aprendizagem e o professor como ponto de apoio dessa construção. Essas metodologias exigem que os professores abram mão da postura de detentores do conhecimento e da verdade, em prol de se integrar ao grupo de alunos na construção coletiva de um projeto, de um conceito ou de uma solução. O papel do professor numa metodologia ativa é semelhante a de um participante mais experiente que busca junto, esclarece, sugere e avalia cada passo.

De que forma o uso de metodologias ativas pode minimizar a incidência de indisciplina e de violência escolar?

As metodologias ativas caracterizam-se por colocar o aluno em movimento na busca por respostas ou na construção de projetos e modelos. Isso exige o estabelecimento de um clima de interesse, curiosidade e postura ativa na busca do conhecimento. Uma vez envolvidos nas atividades de aprendizagem, os alunos enchem a escola de sentido e se apropriam afetivamente do ambiente escolar. Essa postura

afetiva e comprometida favorece, em muito, a mudança de atitude dos alunos no sentido de valorizar a escola e os professores.

Poderia citar alguns exemplos?

Muitas técnicas de ensino têm surgido nessa linha. Algumas já estão se tornando conhecidas no meio educacional, como a sala de aula invertida, em que os alunos são levados a estudar um assunto em casa através de vídeos, textos e atividades guiadas e preparadas pelo professor. A sala de aula torna-se um espaço para discussão e aprofundamento sobre o tema. Outro conjunto de técnicas que tem sido bastante disseminado é a gamificação, que reúne atividades baseadas em games de sucesso que prendem a atenção e apresentam desafios crescentes.

A ABP, também conhecida pela sigla em PBL (do inglês Problem-Based Learning) é uma proposta pedagógica que defende a ideia de que a aprendizagem significativa deve ser baseada na solução de problemas. Essa metodologia se baseia em alguns pilares essenciais, como organização temática

em torno de problemas, e não de disciplinas; integração interdisciplinar; combinação entre elementos teóricos e práticos (aplicação do conhecimento para a solução de problemas); ênfase no desenvolvimento cognitivo e abordagem centrada no aluno, na qual ele deve aprender por si próprio.

Particularmente, gosto bastante da Pedagogia de Projetos que, se bem entendida e empregada, produz resultados de aprendizagem fantásticos. A Pedagogia de Projetos visa a ressignificação da escola, transformando-a em um espaço vivo de interações, aberto à vida e suas múltiplas dimensões, trazendo uma perspectiva contextualizada para se entender o processo de ensino – aprendizagem. Nesse processo, todo conhecimento é construído em estreita relação com os contextos em que são utilizados, sendo impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, pois a formação dos alunos não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual. É um processo global e complexo onde aprende-se através dessa intervenção na realidade.

Como romper a resistência dos professores com relação a essas metodologias?

Tornamo-nos professores a partir de modelos sutilmente inscritos em nós pelos professores que tivemos, e esse processo nos faz repetidores compulsivos de ações automáticas, inculcadas pelos docentes que passaram em nossas vidas. A quebra desse modelo requer experiências vivenciais. O professor precisa vivenciar as novas metodologias num ambiente em que possa tirar suas dúvidas e se experimentar sem pressões e medos. Somente sentindo-se seguro e acreditando nos resultados o professor vai motivar-se a utilizar tais técnicas em suas aulas. ●